



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Wittmann, Isabel

Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil
Revista Estudos Feministas, vol. 22, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 1003-1005
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38132698023>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de *crossdressing* no Brasil

Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil.

VENCATO, Anna Paula.

São Paulo: Annablume, 2013, 274 p.

A procura pelo feminino, homens “vestindo-se” de mulher, é certamente um fenômeno muito interessante, principalmente se observado sob a ótica do gênero e se pensarmos que na cultura o masculino sempre teve um valor hierárquico maior que o feminino (Anna Paula VENCATO, 2003, p. 192).

O livro *Sapos e Princesas - Prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil* é o novo trabalho da pesquisadora Anna Paula Vencato. Até então, ela vinha publicando trabalhos que abordavam o universo das *drag queens*, mas, entre 2007 e 2009, passou a pesquisar as *crossdressers* (*cads*), homens que se vestem de mulheres, negociando, em sua vida pessoal, o “estar montada¹” (princesa) ou “desmontado” (*sapo*). Tal pesquisa resultou em sua tese de doutoramento em Sociologia e Antropologia pela UFRJ.

A publicação é estruturada em cinco capítulos. O primeiro, “Algumas cenas da pesquisa: As *Olim...piadas*” relata o contato com o *Brazilian Crossdresser Club* (BCC), principal meio de encontro da autora com praticantes de *crossdressing*. O clube promove eventos de cunho regional e nacional, e um desses últimos foi uma espécie de gincana com provas atléticas, promovida em uma pousada ao longo de um fim de semana em 2008, chamada *Olim...pia-das*, em referên-

cias aos Jogos Olímpicos. Nesse capítulo, várias das personagens recorrentes são apresentadas, bem como a relação entre membros do clube, a negociação da presença de mulheres (chamadas de *gg*: *genetic girls* ou *mulheres genéticas*), que podem ser *S/O* (*supportive other*, uma pessoa do sexo oposto que apoia a *crossdresser* e pode ajudá-la a montar-se), geralmente esposas ou namoradas.

De uma maneira geral, os homens praticantes mencionados na pesquisa têm entre 30 e 60 anos, pertencem a camadas médias e altas do extrato social e, quando desmontados, vestem-se de forma conservadora. Há também um “jogo de espelhos”, segundo a autora, que diz respeito à forma como se deve ou não se vestir do outro sexo, lidando com estigmas acerca da prática. A rejeição ao termo “travesti” aparece frequentemente, marcada pela sua associação à prostituição, à *pista* e às privações.

O segundo capítulo, “‘Uma *crossdresser* não vai a lugar nenhum sozinha’: espaços e lugares no contexto do se montar”, aborda questões de sociabilidade do grupo estudado: onde se encontrar *en femme*. A hierarquia e o funcionamento do BCC são explicados, bem como espaços de encontro fora do clube, como *Le Closet*. Esse é o nome dado a um apartamento em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, alugados por *crossdressers*, para que possam se encontrar e promover festas montadas. Além disso, existem certos restaurantes, bares e boates que frequentam eventualmente.

O clube possui uma página na internet, e as associadas têm acesso a uma lista de discussão. As suas usuárias se dividem em dois grupos: o de associadas *virtuais*: todas que fazem parte do clube; e de associadas *reais*: restrito àquelas que já compareceram aos encontros organizados

pelo clube. Em geral, no primeiro, discute-se sobre o que é ser *crossdresser*, bem como a diferença entre *crossdressers*, travestis e transexuais, além de haver trocas de experiências pessoais relacionadas à montaria, como compra de maquiagens, roupas e acessórios. Já no segundo conversa-se sobre os eventos, os encontros, as fotos das atividades e os assuntos relacionados.

No terceiro capítulo, "*Crossdressers, Crossdressings*", a autora descreve as diferentes visões que encontrou sobre a prática do *crossdressing* e as diferenças apresentadas pelas praticantes em relação a grupos vistos como relacionados, travestis e transexuais. É conferido destaque a certos discursos médico-científicos (geralmente da sexologia e da psicanálise), que circulam no meio como justificativa para a prática, bem como a forte marcação de classe social utilizada para distinguir-se de outros, como travestis.

Algumas práticas diferenciadas são apresentadas, como o *crossplay*, variação do *cosplay*, geralmente praticado por mulheres, em que o participante se fantasia de um personagem do sexo oposto. Além disso, há o *crossdressing* vinculado a práticas fetichistas, geralmente ligadas à dominação e à submissão no contexto do BDSM (Bondage, Disciplina, Somação, Sadismo e Masoquismo). Normalmente ele não é considerado um "verdadeiro *crossdressing*" pelos membros do BCC, justamente por ser vinculado a um desejo de ordem sexual, e não à vontade pura de se vestir de mulher.

Da mesma forma, segundo elas, adeptos homossexuais também não seriam verdadeiros *crossdressers*, pois estariam apenas dando vazão a um lado efeminado já presente em sua natureza. Assim, homens homossexuais têm circulação restrita no grupo, pois representariam o perigo, devido a uma luxúria que lhes seria própria. A maior parte das associadas se identifica como heterossexuais, embora a prática possa ocorrer em ambientes voltados ao público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), como bares e boates.

Embora haja tensões com as mulheres transexuais, elas ainda assim gozam de privilégios que as mulheres *gg* não possuem no BCC. Isso acontece porque compartilham com as *crossdressers* de um ponto de partida em comum, que é o nascer homem.

Outra questão levantada é a do *crossdressing FTM* (*female to male*), que, segundo as interlocutoras, é "sem graça" ou "de mau gosto". Para elas, as roupas masculinas são básicas demais e até mesmo feias, de maneira que não entendem o apelo dessa prática. Além disso,

segundo a autora, falam que os praticantes não alcançam uma imagem verdadeiramente masculina. O que não deixa de ser interessante se pensarmos no que se entende por "verdadeiramente masculino" ou "verdadeiramente feminino". Qual seria a imagem de feminilidade hegemônica considerada real, a ponto de ser reivindicada pelas *crossdressers*?

Segundo elas, uma mulher não agride a sociedade ao vestir uma calça e andar de tênis, mas um homem utilizando roupas tidas como femininas ainda recebe estigmas. Conforme rebate a autora, não é qualquer calça que é aceita para mulheres, sendo que o corte da roupa e os acessórios são específicos, dentro de um modelo esperado da marcação de gênero. Uma reclamação das interlocutoras é de que a masculinidade do *crossdressing FTM* é estereotipada, exagerada e caricata, não condizendo com a realidade. Mas mesmo uma interlocutora *gg* questionou: "Vê se alguém quer se vestir de mulher para lavar a louça? Elas querem é se vestir para participar de concurso de Miss". Novamente chega-se à questão da representação do feminino.

O quarto capítulo, "*Quase uma mulher*", negociações entre estar *montada* e *desmontado*" trata das alternâncias entre a vida de sapo e de princesa.

Dois conceitos constantemente presentes e relatados em seus cotidianos são *urge* e *purge*. O primeiro é o momento em que a vontade de se montar se intensifica, geralmente acompanhada de grande investimento financeiro em roupas e acessórios para esse fim. Já o segundo é o momento oposto: uma diminuição na frequência com que se monta e consequente afastamento do meio.

Ficam patentes as relações entre o sapo e sua princesa em discursos que afirmam que o primeiro sustenta os hábitos de consumo quase incontroláveis da segunda. Também são levantadas questões como a dor necessária para ser bela, que vai de andar de salto ao uso de cintas modeladoras, podendo chegar à depilação com laser. Mas embora certas concessões dolorosas sejam feitas visando um resultado final mais bonito, o *crossdressing* consiste em vestir o que uma mulher vestiria, sem chegar ao exagero das *drag queens* e, por outro lado, sem pretender ser *passáveis* como as transexuais.

O capítulo final, "'Vestidos para ir a lugar nenhum': *crossdressing* e negociações para se estar montada", é sobre as relações dos sujeitos em suas vidas privadas, na convivência com as demais pessoas, especialmente companheiras,

levantando questões sobre até onde levar o *crossdressing*. Escolhas como depilar o corpo, fazer as sobrancelhas, pintar as unhas e mesmo práticas mais avançadas, como ingestão de hormônios, são pesadas de acordo com o impacto das consequências em suas vidas de sapos. A maior dificuldade relatada é o de contar para parceiras sobre sua prática ou ainda relatar para uma possível nova namorada, o que é comparado com o ato de "sair do armário".

Essas negociações entre público e privado também se refletem nas discussões a respeito da visibilidade do BCC na mídia. A diretoria, à época da pesquisa, acreditava que essa visibilidade ajudaria na divulgação do clube, bem como na informação da população em geral e na quebra de estigmas e preconceitos, de maneira que participaram de diversas entrevistas e programas de televisão. Algumas associadas diziam-se incomodadas, pois a visibilidade poderia levar ao reconhecimento de sua versão sapo, o que poderia acarretar grandes prejuízos pessoais e financeiros, a depender de sua posição na sociedade.

Sapos e Princesas - Prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil é um importante trabalho dentro dos estudos de gênero, a respeito da temática de *homens que se vestem de mulheres*. Temos, no Brasil, vasta literatura sobre travestis e mesmo sobre *drag queens*, e a obra de Anna Paula Vencato vem a contribuir com o campo, preenchendo uma lacuna existente a respeito da prática de *crossdressing*. É interessante perceber que os adeptos da prática não se vêem como mulheres, mas buscam se montar, geralmente com características que admiram nelas. Dessa forma, percebe-se a fluidez com que o gênero é produzido e manipulado. A prática do *crossdressing* possui

uma temporalidade própria, pautada pelo vai e vem entre a vida de montada e a de desmontado.

O trabalho de Anna Paula Vencato é realizado através de etnografia, com uma descrição fluida e bastante clara. Com o foco no BCC, não temos um panorama mais extenso sobre a prática, ficando os seus praticantes resumidos em um perfil de homens heterossexuais de classe média ou alta, o que pode ou não corresponder à realidade das vivências de *crossdressers* fora do clube. Entretanto, pelo próprio ineditismo da temática, o trabalho já se firma em posição de importância, abrindo as portas para quem queira ampliar os estudos. O livro é uma excelente leitura para quem quer ter contato ou expandir o conhecimento a respeito de *homens que se vestem de mulheres*.

Nota

¹ Termo relacionado à "montaria", que é o processo de composição de uma personagem, que incluem a vestimenta, a maquiagem, o nome, o falar etc. (VENCATO, 2005, p. 232).

Referências

- VENCATO, Anna Paula. *Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros*. Campinas: Cadernos AEL, v. 10, n. 18-19, p. 187-215, 2003.
- _____. "Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação". *Caderno Pagu*, Campinas, n. 24, p. 227-247, jan./jun. 2005.
- _____. *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013.

Isabel Wittmann ■

Universidade Federal do Amazonas